



## Frutos

(Crônica do vazio)

**Autor: Sérgio Peixoto Mendes<sup>1</sup>**

Minha produção intelectual é, quase sempre, fruto do tédio e da inatividade produtiva (se é que assim pode-se denominar o ócio). Quando falta-me o elemento motivador para manter meu interesse pelo mundo, procuro-o criá-lo com muita atenção, gerando desafios mentais e problematizando a própria existência. A atenção que dedico a este momento criativo, desafiador e de parturição, afasta, pelo menos temporariamente, a dor entediante originada pela sensação de um tempo que não quer passar. Os desafios intelectuais – os do tipo filosófico principalmente – são grandes parceiros para eliminar o tédio e a indisposição mental. Entretanto, quase nada podem contra a preguiça, contra a ausência de disposição física. Esta precisa ser tratada noutra âmbito que não iremos abordar aqui. Se nos falta disposição para encontrar uma real oportunidade, mesmo que seja ela apenas no campo intelectual, a presença do tédio poderá nos ser favorável e nos por novamente em movimento. Tédio é fastio. Fastio é dor, é indiferença pela vida. Mas é, antes de mais nada, um fim da linha, onde a alternativa mais plausível é tentar o retorno. Denomina-se re-flexão o retorno do *eu sobre* sobre si mesmo, porém, o elemento motivador da reflexão varia de indivíduo para indivíduo. O tédio é apenas um deles.

Traçar metas e objetivos costumam, frequentemente, preencher este estado de inatividade, entretanto, duram apenas o tempo necessário para serem atingidas, principalmente, quando as utilizamos apenas para afastar o tédio e a inércia. Dizem que as pessoas sem metas pessoais não vão longe e, de fato, não vão mesmo. Como ir a algum lugar sem primeiro tomar a iniciativa de afastar a inércia intolerável. São poucos aqueles que conseguem ficar diante de um *nada absoluto* e se sentirem confortável. O nada, o vazio, incomoda, por isso criamos desafios constantes: escalar uma montanha, cuidar de um jardim, levar o cachorrinho para passear, ir ao parque de diversões, assistir televisão, escrever um texto, tudo isso são apenas um drible no vazio e a forma de afastarmos a dor intolerável da falta de perspectiva. O desafio será um tanto melhor se

<sup>1</sup> É mestre em Gestão do Conhecimento e Tecnologia da Informação e especialista e graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Brasília e UFSC, respectivamente. Autor do livro *Gestão do Conhecimento Individual* - sessão livro deste site.

quebrar a inércia física e mental pois assim teremos a mente e o corpo sã.

Trabalhamos, muitas vezes, não apenas para conquistar os meios de subsistência, tais como: alimentação, vestuário, segurança, abrigo e outras “coisas” materiais, mas sim para manter longe de nós a dor que causa a ausência de sermos úteis para alguém ou para nós mesmos. Muito do que se chama hoje de *caridade* tem sua força motriz no tédio. O raciocínio que a sustenta é: se não preciso de nada vou ajudar a quem precisa, pois, em últimos casos não suportaria a dor de nada fazer nem por mim nem pelos outros. É obvio que é impossível não precisarmos de nada, pois, em última instancia, necessitaremos sempre afastar o tédio e a inércia que nos incomoda, ou seja, precisamos de um *passa tempo* que nos dê apoio para enfrentar o nada absoluto e nos ocupe o tempo. Nesse sentido, pode-se entender o quanto nos perturba o fato de insignificante para o *outro*. Sofrer a indiferença daqueles que estão próximos é, talvez, um dos maiores insultos que um ser humano pode aplicar a outro ser humano. A indiferença é mortal, por exemplo, num relacionamento. Ninguém consegue sobreviver sem ser percebido, sem ser solicitado, sem ser útil ao outro. Quando a indiferença se instala numa relação tudo indica que está muito próximo o seu fim e o rompimento passa a ser inevitável.

Os problemas alheios também nos interessam na proporção que forem maiores do que os nossos próprios desafios. E, muitas vezes, o desafio do outro nos conforta exatamente na mesma proporção e grau de dificuldade. Quando vimos alguém tomado de problemas, nos apiedamos e, ao mesmo tempo, nos conformamos com os nossos próprios desafios, mesmo que este seja apenas o de afastar o tédio. Afinal, como podemos nos entediar diante de tantos problemas apresentados pela existência? Desafios são necessários, a necessidade, no sentido de carência ou de uma falta, é necessária e a dor uma força que nos impulsiona para fora do tédio, pelo menos temporariamente.

Então, quando me sinto entediado me ponho a escrever, me ponho a refletir, sobre esta necessidade constante da busca pelo significado da vida. Por certo uma busca eterna pois fora dela nada mais resta senão a morte. E aqui entenda-se morte como a continuidade da busca pelo desconhecido.

Contato: [philoterapia@uol.com.br](mailto:philoterapia@uol.com.br)